
Maternidade e jornalismo: representações maternas na Folha Online¹

Maria Paula Neiman²

Profa. Dra. Camila Garcia Kieling³

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre,
RS

Resumo

Este estudo examina o impacto do jornalismo na construção e desconstrução de padrões sociais arraigados, enfatizando a relevância da mídia na sociedade. O foco é direcionado à maternidade, revelando como a abordagem pode influenciar as identidades e conquistas sociais das mulheres-mães. Ressalta-se a importância de destacar a diversidade materna e outras questões relacionadas a gênero e sexualidade no discurso jornalístico, evitando a perpetuação de padrões obsoletos. A pesquisa analisa a representação da maternidade no jornalismo, utilizando o veículo Folha de São Paulo como estudo de caso. Os resultados indicam que abordagens jornalísticas limitadas podem reforçar estereótipos prejudiciais às mulheres-mães, ressaltando a necessidade de abordar questões sociais essenciais para promover uma sociedade mais inclusiva e diversa.

Palavras-chave

Mídia; Jornalismo; Maternidade; Gênero;

Introdução

Este estudo repousa sobre a premissa intrínseca de que o discurso jornalístico exerce um impacto substancial na formação e possivelmente na desconstrução dos padrões culturais que permeiam uma determinada sociedade. Com base na afirmação de Santaella (2001, p. 63), que situa os meios de comunicação e suas implicações como componentes de uma dimensão sociocultural de amplitude significativa, este trabalho tem como objetivo lançar luz sobre a maneira pela qual o jornalismo desempenha o papel de

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduanda de jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, e-mail: apaulaneiman@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Doutora em comunicação social, Professora dos cursos de comunicação na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, camila.kieling@puccrs.br

agente catalisador ou restritivo no progresso cultural, especialmente no contexto do fenômeno das maternidades.

Através do recurso ao discurso, o jornalismo se estabelece como uma força que contribui para modelar as percepções coletivas. Detentor de um poder influente, essa modalidade de comunicação não apenas reflete o estado cultural de uma sociedade, mas também exerce uma influência notável na moldagem da realidade social. A presente pesquisa examina o conteúdo produzido por um dos principais veículos de comunicação do Brasil, partindo do princípio de que tal material exterioriza os métodos jornalísticos em geral. De acordo com um levantamento realizado pelo IVC⁴ (Instituto Verificador de Circulação), a Folha de S. Paulo mantém uma presença praticamente abrangente no território brasileiro por meio de suas publicações impressas, apesar da atual tendência de declínio na circulação de jornais impressos, que registra uma diminuição geral de 16,1%⁵. Entretanto, a circulação ainda persiste, evidenciando a difundida penetração da empresa e, por conseguinte, substancial capacidade de moldar a percepção pública.

Este estudo concentra-se em uma análise jornalística focalizada nas maternidades, uma área que se apresenta como um campo fecundo para a investigação das influências culturais transmitidas pela mídia. Nas abordagens sociais, comunitárias e tradicionais, a maneira como a maternidade é tratada pode ter repercussões na compreensão e na percepção das mulheres pela sociedade. A delimitação estreita das maternidades individuais, frequentemente sem considerar a complexidade da subjetividade feminina e suas experiências múltiplas, pode dar origem a estereótipos e, em última instância, reforçar padrões culturais já estabelecidos. Isso salienta o papel preponderante da mídia como um contribuinte para a construção social, conforme discutido por Hall (2003), que sugere que a mídia pode exercer influência dominante ao decodificar o sentido da mensagem de acordo com as referências da sua própria construção, ou seja, “quando o sentido da mensagem é decodificado segundo as referências da sua construção” (HALL, 2003, p. 113). Ainda observa-se que a mídia muitas vezes induz as mulheres a consumir conteúdo de entretenimento sem perceberem que por trás disso há um ideal de manutenção dos padrões sociais propostos, construído e planejado. Dessa forma, o ideal

⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/folha-e-o-jornal-mais-nacional-e-o-de-maior-audiencia-e-circulacao.shtml>

⁵ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/economia/jornais-impressos-circulacao-despenca-161-em-2022/>

da mulher-mãe proposto pela mídia é naturalizado, seguindo os moldes do projeto cisheteropatriarcal que suprime desejos e subjetividades.

Aqui é pertinente apresentar a definição de cisheteropatriarcado: um sistema sócio-político que se caracteriza pela predominância e supremacia da heterossexualidade masculina, exercendo opressão sobre outras identidades de gênero e orientações sexuais. Da mesma forma, a cisheteronormatividade é também um sistema sócio-político, mas está fundamentada na obrigatoriedade das identidades cisgêneras e heterossexuais, consolidando a supremacia dessas identidades de gênero e orientações sexuais, conferindo-lhes um status dominante e normativo, ao passo que marginaliza e desvia as demais.

Considerando o conceito de interseccionalidade (Collins e Bilge, 2021) como um prisma analítico, surge a necessidade de contemplar a interconexão entre variáveis sociais como classe, raça e gênero na compreensão das maternidades. A natureza multifacetada das maternidades enfatiza a importância de uma abordagem holística e social. Isso também abarca a diversidade de possibilidades de experiências de maternidade e gestação, incluindo homens trans como gestantes e cuidadores, enriquecendo a pesquisa e permitindo uma análise interseccional mais abrangente.

As representações da maternidade apresentadas pelo jornalismo não se limitam a meros reflexos da sociedade, mas exercem um papel ativo na construção da realidade cultural. O jornalismo, através de suas narrativas, não apenas influencia, mas constrói múltiplas perspectivas em torno da maternidade, influenciando, assim, os debates sociais. É crucial compreender que os padrões culturais muitas vezes tendem a simplificar a experiência da mulher, reduzindo-a a um único papel e negligenciando suas experiências maternas variadas.

É relevante destacar que a mídia pode inadvertidamente consolidar estereótipos e expectativas sociais que aprisionam a mulher em um único papel. A propensão em retratar as maternidades como uma forma singular de existência, na qual as mulheres frequentemente renunciam a seus desejos individuais, reforça estereótipos e imposições sociais. Essa limitação à maternidade idealizada pode resultar na negação da própria identidade e na restrição das opções disponíveis para as mulheres-mães.

A busca por avanços em direção à diversidade e inclusão no jornalismo transcende as fronteiras da pesquisa acadêmica. É uma convocação presente também nos ambientes educacionais, onde futuros jornalistas, pesquisadores e educadores estão sendo moldados.

A discussão em torno da maternidade e da abordagem jornalística deve ser incorporada aos currículos de graduação e pós-graduação, transformando-se em um pilar para a desconstrução dos padrões culturais obsoletos.

A relevância deste campo de investigação se torna evidente ao realizar pesquisas em portais de revistas científicas e na literatura acadêmica, com resultados escassos sobre o tópico. Utilizando a biblioteca eletrônica científica Scielo e o portal de revistas Capes, a primeira busca foi conduzida com o termo "comunicação", gerando 6.321 resultados. Ao incorporar "jornalismo", surgiram 321 resultados, e ao adicionar "maternidade", foram identificados 32 artigos. No âmbito de Ciências Sociais Aplicadas, nenhuma das publicações abordava conjuntamente jornalismo e maternidade. Por outro lado, na plataforma OMNIS da PUCRS, a maior biblioteca da América Latina, uma pesquisa com "jornalismo" resultou em 2.496 periódicos. "Mídia" revelou 1.533 estudos e "maternidade", após filtro, proporcionou 252 resultados, abrangendo principalmente saúde e direito.

No contexto desta investigação específica sobre "Jornalismo e maternidade", apenas um artigo interseccional que explora saúde e jornalismo foi encontrado. No Google Acadêmico, 1.200 resultados relacionados ao tema maternidade surgiram, abordando saúde, direito e antropologia. Três estudos sobre mídia e maternidade foram localizados nas áreas de publicidade, propaganda e jornalismo. Esses resultados evidenciam a necessidade de uma expansão do escopo desta pesquisa no cenário brasileiro. Além dos avanços na produção acadêmica, é imperativo reconhecer a importância de discutir e refletir sobre a maternidade e o discurso jornalístico na sociedade, tanto em graduações quanto em pós-graduações, preparando futuros jornalistas, pesquisadores e educadores para esta área.

Percurso metodológico

O presente percurso metodológico concentra-se intensivamente na análise minuciosa dos conteúdos disponibilizados no portal virtual do veículo de comunicação nacional "Folha de São Paulo". O enfoque principal reside na análise do discurso que permeia as informações transmitidas principalmente por repórteres, produtores e editores, todos essenciais no processo de concepção e disseminação dos elementos que constituem os artigos relacionados à maternidade e às diversas facetas da experiência materna.

Este estudo assume uma caracterização primordial como uma investigação de natureza qualitativa e exploratória, visando explorar a interligação harmoniosa entre as narrativas midiáticas e os conhecimentos estabelecidos por pensadores notáveis. Nesse contexto, emergem figuras proeminentes como Stuart Hall, Maxwell McCombs, Donald Shaw, Flavia Biroli, além dos insubstituíveis Guattari e Rolnik, todos imersos em profundas discussões sobre as intrincadas dinâmicas comunicativas e as complexidades inerentes à maternidade.

Ao abordar a análise do conteúdo veiculado pela "Folha de São Paulo", este estudo busca compreender como a mídia representa e aborda a temática da maternidade, explorando as diversas perspectivas e nuances presentes nas reportagens e artigos. Foi feita filtragem a partir da ferramenta do site, no qual o período selecionado, entre março de 2023 e março de 2022, por ser conhecido como o “mês das mães” oferece um panorama abrangente das discussões sobre maternidade ao longo do tempo, permitindo a identificação de tendências, mudanças de enfoque e possíveis eventos que tenham influenciado a cobertura midiática durante esse intervalo.

No cerne desta pesquisa está a análise de discurso, que revelará os discursos dominantes, as vozes silenciadas, as estratégias retóricas e as escolhas linguísticas que moldam a maneira como a maternidade é apresentada e compreendida pelo público em geral. Através da interseção entre as teorias da comunicação e os estudos de gênero, este estudo pretende lançar luz sobre as representações midiáticas da maternidade e as implicações mais amplas que essas representações podem ter na sociedade.

Em última análise, este estudo visa contribuir para um entendimento mais profundo da complexa relação entre a mídia, a maternidade e as percepções sociais, abrindo caminho para reflexões críticas sobre como as representações midiáticas influenciam e moldam as concepções contemporâneas de maternidade.

Análise dos dados e resultados

Dentre as diversas análises realizadas, foi identificado uma reportagem intitulada “Menina que engravidou após estupro dá à luz no Piauí”. A matéria aborda o dramático cenário de uma segunda gestação em uma menina de apenas 12 anos, vítima de abuso por parte de um familiar. Esta jovem foi compelida a dar à luz pela segunda vez devido à negação judicial de um procedimento de interrupção da gravidez. O texto jornalístico aborda o caso utilizando termos como "menina", seus equivalentes, bem como "jovem" e

"adolescente", embora estejamos diante de uma situação que envolve uma criança de 11 anos.

Nota-se um trecho em que a jornalista relata como a criança, após a primeira gestação cessou sua frequência escolar, ficou mais silenciosa e se limitou ao cuidado, após a segunda gestação passou a residir em um abrigo. Este episódio evidencia que, independentemente da idade da pessoa que está gerando, ela é destinada a um ambiente que limita suas possibilidades de vida para além da maternidade. Flávia Biroli nos auxilia a entender estes papéis e o formato como as mulheres são sujeitas a uma existência só “A cidadania das mulheres é, portanto, comprometida pela divisão sexual do trabalho, que em suas formas correntes converge em obstáculos ao acesso a ocupações e recursos, à participação política autônoma e, numa frente menos discutida neste estudo, à autonomia decisória na vida doméstica e íntima” (BIROLI, 2016, p. 722).

Outra fonte de análise examinada no âmbito desta pesquisa recebe o título de "No tête-à-tête com famílias, as falhas que levaram a mortes maternas ficaram cristalinas". A narrativa retrata a conjuntura da mortalidade materna no contexto brasileiro, com ênfase particular na região nortenha do país, abrangendo áreas limítrofes. Ao longo da totalidade do artigo, são ilustrados exemplos de óbitos durante o período gestacional, em que mães perdem a vida devido à carência de acesso a cuidados de saúde. De maneira notável, não são consideradas outras manifestações de identidades de gênero relacionadas à gestação dessas crianças. No início do primeiro parágrafo, a autora faz menção a indivíduos envolvidos na procriação e "mulheres falecidas durante a gestação ou o pós-parto", sendo que todas as dinâmicas familiares retratadas ao longo do artigo são enquadradas de forma exclusivamente binária. As concepções discutidas por Guattari e Rolnik (1986) contribuem para a presente análise, ao explorarem abordagens micropolíticas como meio de transcender os binarismos resultantes de processos de individualização e fragmentação identitária.

Outra matéria examinada para a investigação tem o título "No tête-à-tête com famílias, as falhas que resultaram em óbitos maternos ficaram evidentes." A escrita aborda a questão da mortalidade materna no Brasil, especialmente na região norte e em cidades fronteiriças. Durante toda a reportagem, são expostos casos de mortes durante a gestação, onde mães perdem suas vidas devido à falta de acesso aos cuidados de saúde. Utilizando as ferramentas da interseccionalidade, é preciso lançar luz para a cama social sob qual a matéria é feita. De acordo com uma pesquisa publicada no periódico científico

“The Lancet”⁶, no Brasil, 153 mil mortes por ano são causadas pelo atendimento precário de saúde e 51 mil por falta de acesso a atendimento de saúde. Este é mais um dado que comprova que a qualidade e o acesso à saúde, é para uma classe específica do Brasil. Além da problemática enraizada, o discurso da reportagem, em nenhum momento coloca como possível outras possibilidades de identidades de gênero para quem está gestando essas crianças. O primeiro parágrafo do artigo faz menção às pessoas que geram filhos e às "mulheres que falecem durante a gestação ou após o parto", e todos os arranjos familiares descritos no texto são estritamente binários. Guattari e Rolnik (1986) contribuem para essa discussão ao explorar análises micropolíticas como uma alternativa aos binarismos que surgem das individualizações e fragmentações das identidades.

Em outra parte, a autora retrata que "A questão da mortalidade materna é tão dolorosa que as famílias evitam abordá-la," reforçando mais uma vez a única perspectiva de maternidade dentro do paradigma hetero-cis-patriarcal estabelecido.

O mesmo artigo inclui um documentário de aproximadamente 25 minutos, onde em todas as ocasiões a maternidade é retratada somente por mulheres e quando se fala de mães, apenas figuras femininas são apresentadas. Quando aparecem as pessoas que falam sobre estas mulheres que foram mortas, que conseqüentemente ficaram com o cuidado das crianças que sobreviveram, são os companheiros das mulheres, homens cis que eram casados com estas mulheres, sem dar possibilidades para outras formas de se relacionar, com os mais diversos gêneros.

Louro (2000), nos auxilia a refletir sobre a normatização das práticas sexuais, afetivas e dos papéis de gênero destacando que gênero e sexualidade surgem como construções originadas de diversos discursos e práticas sociais que não apenas permeiam, mas também orientam, padronizam e dirigem as ações dos indivíduos. Conseqüentemente, essas construções acabam por estabelecer apenas uma única perspectiva viável em relação à identidade de mulher e ao papel de mãe.

Em outra passagem, a autora descreve como "Além da ausência de cuidados pré-natais, muitas mulheres foram submetidas a cesarianas durante o auge da infecção por Covid-19, cenário que aumenta o risco de óbito. Quase um quarto delas não teve acesso a leitos de UTI." Reforçando a ideia de mulheres passando por processos de parto e utilizando o pronome "ela", excluindo novamente as diversas formas de maternidade

⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2018/09/06/atendimento-precario-mata-mais-do-que-a-falta-de-acesso-a-medicos-diz-estudo.ghtml>

possíveis. Além disso, o artigo se propõe a discutir a mortalidade decorrente da falta de profissionais de saúde e hospitais na região norte. No entanto, em nenhum momento são abordadas as dificuldades ainda maiores enfrentadas por pessoas trans que engravidam e dão à luz nas unidades de saúde.

No decorrer do documentário integrante da reportagem, a repórter indaga a uma das gestantes entrevistadas sobre se o bebê que ela está carregando é do sexo "masculino ou feminino?", uma incerteza que ressalta a imposição de gênero na criança por nascer, elevando tal característica a um aspecto preponderante em sua futura existência. A reflexão proposta por Louro (2018) nos oferece um meio para compreender a origem desses termos, quando ela observa que, ao virmos ao mundo, as declarações "é um menino" ou "é uma menina" dão início a processos de masculinização ou feminilização do indivíduo, os quais moldam sua trajetória ao longo do desenvolvimento. A autora ainda sustenta que a obtenção de importância enquanto corpo está intrinsecamente vinculada à conformidade com esses processos de gênero cis.

Em uma das análises em questão, intitulada "O que é 'baby brain', a confusão mental que algumas mulheres sentem na gravidez", a autora compartilha suas experiências pessoais relacionadas à gravidez e aos lapsos de memória que podem surgir como resultado das complexas adaptações corporais inerentes ao processo gestacional. Desde o próprio título do estudo, observa-se a associação da palavra "mãe" com a noção de gravidez, estabelecendo uma conexão única. A análise detalha ainda uma investigação recente que revela "Pesquisas recentes mostram que se trata de um fenômeno que afeta cerca de 80% das mulheres grávidas e que está relacionado com a contração de massa cinzenta do cérebro, incluindo as regiões pré-frontais e o hipocampo, chave para a memória." Novamente, o enfoque recai exclusivamente sobre o gênero feminino, em relação às perspectivas de gestação e maternidade. Diversos segmentos da reportagem trazem a mesma perspectiva "Os cérebros das mães mudam sua capacidade de resposta aos sinais de um bebê." e "Muitas vezes há um "viés de atribuição" à gravidez para justificar todas as coisas que acontecem com as futuras mães.." Essas afirmações centralizam a responsabilidade e as oportunidades unicamente nas mãos das mulheres.

A reportagem adota uma abordagem binária, imprimindo uma visão estreita que destaca somente a faceta materna nas mulheres. Esta perspectiva é elucidada por Butler (2003), que argumenta que tal forma de discurso exerce o papel de regulador social adicional, perpetuando e reiterando discursivamente a noção de heterossexualidade

compulsória. Nesse processo, alternativas de estilo de vida, sujeitos e anseios que divergem do paradigma heterossexual, patriarcal e constrictivo são deliberadamente exclusórios.

No artigo escrito pela jornalista Danielle Castro intitulado "Mulher afirma estar há meio ano com um pedaço de tecido no intestino após dar à luz em São Paulo", apresentado na seção "cotidiano" do site do jornal, é retratada a negligência no sistema de saúde público em São Paulo. Isso ocorreu quando médicos deixaram inadvertidamente um fragmento de pano no interior de uma mulher após o nascimento de seu quinto filho. Além da questão mencionada acima, relacionada à carência econômica e à falta de acesso a serviços médicos de qualidade, o artigo também aborda a experiência materna da mulher, destacando até mesmo o número de filhos que ela tem. Entretanto, o enfoque é dado predominantemente à perspectiva do marido da mulher.

Conforme exposto nas passagens "O marido dela relata que os médicos retiraram um pedaço do tecido, mas não conseguiram remover todo o material" e "conforme as declarações do esposo, as dores começaram em janeiro", a reportagem inadvertidamente minimiza a dor da mulher e a relevância de sua perspectiva na situação ocorrida. Isso resulta na marginalização da experiência da mulher em favor da voz masculina.

A fim de esclarecer o conceito de "lugar de fala", a escritora Djamilia Ribeiro (2017) nos orienta a compreender que "não estamos nos referindo apenas a indivíduos, mas sim às circunstâncias sociais que permitem ou impedem que esses grupos alcancem posições de cidadania" (p. 61). Essa noção se baseia na análise da posição dos grupos dentro das estruturas de poder. Portanto, quando a jornalista enfatiza a narrativa do marido, expondo os detalhes do sofrimento da mulher, ela acaba reforçando uma divisão binária que desvaloriza a experiência dela.

Conclusão

O presente estudo lançou luz sobre a interseção entre o discurso jornalístico e as representações culturais que permeiam a maternidade, destacando a forma como o jornalismo atua como agente moldador e reproduzidor dos padrões culturais vigentes. Através da análise minuciosa dos conteúdos veiculados pelo renomado veículo de comunicação "Folha de São Paulo", examinou-se como o jornalismo influencia e

contribui para a construção de perspectivas sobre a maternidade, focando na complexidade de gênero, identidade e relações sociais.

Ao longo deste estudo, foi evidenciado que o discurso jornalístico frequentemente reflete e, ao mesmo tempo, contribui para a manutenção do paradigma hetero-cis-patriarcal. As representações predominantes de maternidade são frequentemente limitadas à perspectiva feminina e cisgênero, negligenciando a multiplicidade de experiências possíveis. Essa tendência é observada na forma como as reportagens abordam o processo de gestação, a maternidade em si e até mesmo as questões de saúde relacionadas.

Fica claro que o jornalismo desempenha um papel significativo na perpetuação de estereótipos de gênero e na imposição de expectativas sociais sobre as mulheres-mães. O enfoque na maternidade como uma identidade única e exclusiva para as mulheres cisgêneros reforça a normatização e limita as possibilidades de identidades de gênero e papéis parentais. A falta de representatividade de experiências de maternidade diversas, incluindo homens trans como gestantes e cuidadores, ressalta a necessidade de uma análise crítica das narrativas midiáticas.

Além disso, a análise dos dados revelou a ausência de uma abordagem interseccional nas reportagens examinadas. A complexa interconexão entre gênero, raça, classe e outras variáveis sociais não foi devidamente contemplada, resultando em uma visão limitada e superficial das experiências de maternidade. A falta de consideração pelas disparidades e desigualdades sociais na maternidade perpetua a marginalização de grupos já historicamente oprimidos.

Portanto, é imperativo que o jornalismo evolua além das narrativas tradicionais e binárias de maternidade. A inclusão de perspectivas interseccionais e diversas é crucial para uma representação mais precisa e inclusiva das experiências maternas na sociedade. A formação de futuros jornalistas, pesquisadores e educadores também deve incorporar discussões sobre a influência do discurso midiático na construção da realidade cultural.

Nesse sentido, o desafio é transformar o jornalismo em uma ferramenta para a desconstrução dos padrões culturais obsoletos, em vez de sua perpetuação. A discussão em torno da maternidade deve ser enriquecida com uma gama de perspectivas de gênero, identidade e vivências, contribuindo para uma compreensão mais completa da diversidade de experiências familiares. A formação acadêmica e profissional de comunicadores deve incluir a conscientização sobre as implicações sociais e culturais das

narrativas jornalísticas, permitindo a criação de um espaço de diálogo e reflexão crítica sobre as representações midiáticas.

Em última análise, este estudo revela a importância do jornalismo na construção e manutenção das representações culturais, especialmente no que diz respeito à maternidade. A análise detalhada dos conteúdos jornalísticos examinados destaca a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e interseccional, que vá além das limitações das normas hetero-cis-patriarcais. Através da conscientização, da reflexão crítica e da promoção de narrativas diversificadas, o jornalismo pode contribuir para a desconstrução de estereótipos de gênero e para a criação de uma sociedade mais justa e igualitária, na qual todas as experiências de maternidade sejam reconhecidas e valorizadas.

Referências bibliográficas

- BIROLI, Flávia. Divisão sexual do trabalho e democracia. *Dados*, v. 59, p. 719-754, 2016.
- BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual?. *cadernos pagu*, p. 219-260, 2003.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Boitempo Editorial, 2021
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica. Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- HALL, Stuart. *Da diáspora*. Belo horizonte: UFMG, 2003.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Autêntica, 2018.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte (MG): Letramento; Justificando, 2017.
- SANTAELLA, Lucia. *Comunicação e Pesquisa: projetos para mestrado e doutorado*. São Paulo: Hacker Editores, 2001.